

Colonialismo e resistência: desconstrução do discurso hegemônico no romance *Les Bouts de Bois de Dieu*, de Ousmane Sembène

Colonialism and resistance: the deconstruction of the hegemonic speech in Les Bouts de Bois de Dieu, by Ousmane Sembène

PROVIDENCE BAMPOKY

RESUMO

O processo de colonização das populações nativas normalmente se reveste de formas variadas de dominação direta e indireta. No caso da colonização de territórios africanos, que se iniciou processualmente a partir da última década do século XIX, a natureza da dominação de cada povo dependia de uma série de fatores, de acordo com cada colônia, sempre atendendo, em primeiro lugar, às necessidades da metrópole. Fica evidente, com a análise da história da colonização africana, que esse processo de dominação não se efetuou com total passividade. Segundo Hernandez (1999), o confronto com os povos africanos sempre foi um problema enfrentado pelas potências europeias. O

descontentamento dos soberanos africanos perante as novas formas de organização política e social desencadeou uma série de resistências. Partindo de tais considerações, esse artigo propõe uma leitura do romance *Les Bouts de Bois de Dieu* (1960), de Ousmane Sembène, escritor-cineasta senegalês e militante do movimento anticolonialista, dando ênfase ao movimento de resistência dos operários negros da ferrovia do Dakar-Níger. A greve ocorreu entre outubro de 1947 e março de 1948. Inicialmente, procura-se desenvolver uma discussão sobre o surgimento de uma nova consciência do colonizado que decide lutar contra a hegemonia do colonizador no que tange à recuperação da sua dignidade. Em seguida, analisar o modo como essa postura de recusa à subserviência e à exploração desperta no decorrer da narrativa uma série de confrontos entre negros e brancos, sendo esses últimos os únicos detentores do poder econômico e político naquele contexto.

Palavras-chave: Colonialismo; Resistência; Hegemonia; Literatura africana de expressão francesa.

ABSTRACT

The process of colonization of native populations usually takes a variety of ways, both direct and indirect domination. In the case of the colonization of the African territories that began procedurally from the last decade of the nineteenth century, the nature of the domination of each people depended on a series of factors according to each colony, and always serving the metropolis needs. Analyzing the history of the African colonization, it is evident that the process of domination was not carried out with total passivity. According to Hernandez (1999), the confrontation with the African peoples had always been a problem faced by the European powers. The discontentment of the African sovereigns before the new forms of political and social organization unleashed a series of resistances. Based on these considerations, this article proposes a reading of the novel *Les Bouts de Bois de Dieu* (1960), by Ousmane Sembène, a Senegalese writer and filmmaker and a militant of the anticolonialist movement, emphasizing the resistance movement of the black workers of the Dakar-Niger railroad. The strike took place between October 1947 and March 1948. Initially, we tried to develop a discussion about the emergence of a new conscience of the colonized who decides to fight against the hegemony of the colonizer with regards to the recovery of his or her dignity. Then, we try to analyze how this attitude of refusal to subservience and exploitation provokes, over the course of the narrative, a series of confrontations among blacks and whites, the latter being the sole holders of economic and political power in that context.

Key words: Colonialism; Resistance; Hegemony; French literature of french expression.

INTRODUÇÃO

Para as potências europeias, colonizar subentendia relacionar-se com outros povos para tirar proveito deles, usufruindo dos seus recursos de qualquer natureza, em benefício dos interesses das metrópoles. E, em contrapartida, os colonizadores levavam para essas populações “primitivas” as supostas vantagens da cultura intelectual, social, econômica, científica e industrial, tendo em vista que na lógica do colono e no ponto de vista exclusivamente político esses povos

necessitavam dessas vantagens para superarem os seus “atrasos”. Desse modo, tem-se a cultura e o modo de viver do europeu justapondo-se às culturas e ao modo de vida dos seus colonizados, como resume Ferhat:

A colonização constitui [...] uma verdadeira revolução, que vem transtornar todo o antigo mundo de crenças e ideias, um modo secular de existência. Coloca todo um povo diante de uma súbita mudança. Uma nação inteira, sem estar preparada para isso, vê-se obrigada a se adaptar ou, se não, sucumbir (FERHAT, 1931 p. 9).

A dominação colonial encontra o seu principal fundamento nas relações de exploração, opressão e discriminação, que são inspiradas por pressupostos de inferioridade do colonizado. A lógica da dominação introduziu o discurso da diferença e da inferioridade, com o intuito de legitimar suas ações no continente africano. A partir do ano 1415, as potências europeias empreenderam o evassamento do litoral africano – expedições em busca de matérias-primas como marfim e ouro e da escravização dos povos africanos – e, a partir daí, abriram novas rotas de comércio com o continente africano, vinculadas à criação de entrepostos limitados, apenas às costas do continente. O final do século XIX e a virada do século XX revelaram um novo contorno marcante das relações entre Europa e África.

É evidente que esse processo de dominação não se efetuou com total passividade. O confronto com os povos africanos sempre foi um problema enfrentado pelas potências europeias. O descontentamento dos soberanos africanos perante as novas organizações sociais e condições de vida desencadeou uma série de resistências, tais como lutas imperiais, táticas de guerrilha, jihad, movimentos messiânicos, além das resistências cotidianas, que também eram decisivas. Como ressalta Hernandez (1999), uma importante força de contestação formou-se durante esse período da colonização africana, com intuito de libertação do jugo colonial.

O papel dos movimentos de resistência à dominação colonial variou segundo os diferentes períodos da história. Na segunda década do século XX, a resistência contra o colonialismo firmou-se através dos movimentos literários que se tornaram um verdadeiro instrumento de luta e de denúncia dos abusos e injustiças coloniais.

O presente trabalho propõe uma análise desse cenário de colonização do território africano, tendo como foco principal a abordagem da problemática das relações entre os operários negros e a administração francesa, enquadrando-as em um contexto colonial caracterizado pela brutalidade, violência e discriminação racial, a partir do romance *Les bouts de bois de Dieu*, de Ousmane Sembène. Nessa obra, as relações de forças antagônicas são evidenciadas através do

movimento da greve dos operários negros, que eram explorados pela administração francesa na ferrovia do Dakar-Níger. A ferrovia foi construída com objetivo de ligar o Rio Níger ao porto de Dakar, explorando o espaço conquistado pela França, com vistas ao transporte de matérias-primas e produtos agrícolas para a metrópole.

Foucault, em seu livro *Microfísica do poder* (1979), define a resistência como sendo uma força móvel e produtiva na luta contra a submissão das subjetividades. Uma ação de força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de poder, um ato de recusa à submissão, à subordinação a uma autoridade existente. À guisa dos argumentos de Bosi, resistir é “opor a força própria à força alheia” (2002, p. 118). Para que a resistência se concretize, há de existir oposição, ruptura, descontentamento, o que implica uma relação de poder. O romance de Sembène apresenta-se como um excelente expoente de análise de relações de poder entre colonizador e colonizado, ao colocar em xeque a empresa colonial e o discurso hegemônico que esta manteve sobre a África e que sempre se esforçou para impor como o único que se pode manter legitimamente sobre esse continente e suas sociedades, de acordo com Mouralis (2007).

Através dessa visada, buscaremos evidenciar de que forma a resistência manifesta-se através do movimento de revolta operária, que encena uma aspiração de libertação da tutela do sistema colonial, detentor do poder socioeconômico e político. Isto é, como se efetua o movimento da greve diante do poder da direção da companhia ferroviária e diante da força de dominação ideológica, tanto das autoridades religiosas quanto políticas.

O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES NEGROS

O questionamento dos ferroviários negros acerca das condições de trabalho impostas pela direção da ferroviária é avistado logo no início da narrativa na fala de Tiémoko, um dos representantes do movimento grevista, ao interpelar os seus colegas operários a refletirem sobre as condições precárias a que eles estão submetidos, condições que jamais devem ser aceitas pela classe operária negra.

Somos nós que fazemos o trabalho [...] e é o mesmo que o dos brancos. Então, por que eles têm o direito de ganhar mais? Por que são brancos? E quando eles adoecem, por que são tratados e por que nós e nossas famílias temos o “direito” de morrer? Por que somos negros? Em que é que uma criança branca é superior a um operário negro? Dizem-nos que temos os mesmos direitos, mas isso tudo é mentira, nada mais que mentira! A máquina que nós operamos, ela, sim, nos diz a verdade: ela não conhece nem branco nem negro (SEMBÈNE,

2012, p. 24-25, tradução livre).

A consciência de classe e do estado de desumanização proporciona a ideia de greve como o único meio de reaver os seus direitos, os mesmos dos quais se beneficiam os operários brancos trabalhando na mesma ferrovia. Isso posto, durante a assembleia do sindicato, os trabalhadores negros exprimem o seu descontentamento perante os baixos salários que, de certa forma, refletem-se nas suas condições de vida, assim como é ilustrado na fala do velho operário: “Nós temos o nosso trabalho, mas ele não nos dá o que ele deveria nos dar, roubam-nos. Já não há diferença entre nós e os animais, tão baixos são os nossos salários” (p. 24). Essa é uma indignação profunda que se faz sentir por meio do questionamento das suas próprias existências enquanto operários e “*citoyens français*”.

No ímpeto das exigências por melhores condições de vida, os operários negros não reivindicam nada menos do que “igual remuneração por igual trabalho”, assim como a revalorização dos salários, a concessão de seguro-saúde e de aposentadorias, direitos concedidos aos seus colegas brancos. Essas reivindicações podem ser entendidas como o surgimento de uma nova consciência operária, no momento em que eles decidem levantar-se contra a hegemonia do patronato e enfrentar uma superestrutura alienante para reconquistar os seus direitos confiscados desde muito tempo.

Desse modo, o processo dessa luta será decretado pela decisão da greve: “Sim, a greve, a greve! gritou a sala, com punhos erguidos”. A revolta refletida na paralisação das atividades ferroviárias começa a emergir a partir do momento em que os operários negros percebem que eles trabalham mais, mas cada vez se afundam mais na miséria. Portanto, o movimento de protesto contra a injustiça da direção da companhia ferroviária vai se revelar no romance como um símbolo de luta e de resistência de uma sociedade em busca de uma vida digna, que o narrador ressalta através do discurso de Bakayoko: “[...]. O tempo em que podiam nos abater dividindo-nos acabou. Nós, portanto, manteremos a nossa posição a favor da greve, por tempo indeterminado e isso até a vitória total” (p. 288). É notável, então, a força de vontade e a autodeterminação dos trabalhadores ao se recusarem a ceder às intimidações dos seus patrões.

A paralisação da ferrovia como postura de resistência e barganha foi a consequência das frustrações vivenciadas em diversas circunstâncias pelos operários negros. Fica evidente que a consciência de serem homens livres, com pleno direito de tomar o seu próprio destino em mãos, revigorou o movimento sindical que se determina a quebrar os preconceitos coloniais, como aponta Bakayoko: “O homem que nós éramos está morto e nossa única salvação para uma nova vida está na máquina, na máquina que não tem nem linguagem, nem raça” (p.127). Assim, fica

evidente que, para Sembène, a greve dos operários negros é mais do que uma denúncia social, mas um instrumento de ruptura com um sistema político e econômico, baseado na exploração e nas ideologias racistas. Ideologias mais arraigadas no colonialismo e que se manifestam através da personalidade do diretor da companhia no trecho a seguir:

Ele, Dejean, não era um empregador; ele desempenhava uma função baseada em suportes naturais, o direito à autoridade absoluta sobre os seres cuja cor da pele fazia deles não sujeitos com quem se pode discutir, mas amigos dos homens de uma condição inferior, dedicados à obediência sem limites (SEMBÈNE, 2012, p. 274, tradução livre).

Essa negação, tanto cultural como racional, justifica também o preconceito concebido sobre os costumes do colonizado e, especificamente, sobre a poligamia. É importante destacar que o colonizador nunca mostrou interesse em conhecer as culturas das sociedades que ele passou a colonizar. Pelo contrário: ele criou um conjunto de estereótipos para distorcê-las e abominá-las. As tradições e crenças do colonizado considerados como uma depravação são, por certo, uma forma de afastar esse último das suas realidades culturais. É importante notar que esse desenraizamento foi possibilitado pelo impulso missionário baseado nas ideias evolucionistas e se manifestou numa atuação que visava, sobretudo, a arrancar os povos colonizados das trevas do paganismo, uma intenção altruísta de legitimar sua dominação, como argumenta Memmi (1967, p.27): “O que realmente é o colonizado pouco importa para o colonizador. Longe de querer conhecer o colonizado na sua realidade, ele [colonizador] está preocupado em impor-lhe essa indispensável transformação”.

Tal encobrimento dos mecanismos reais de um sistema de exploração serviu de embasamento ideológico de caráter hegemônico para legalizar a colonização, conforme representado no romance nas seguintes palavras do diretor da companhia ferroviária, dirigidas aos sindicalistas durante uma reunião de negociação: “Sem a França e o povo francês o que seria de vocês?” (p. 282). O aspecto que o narrador expõe nesses postulados é a imagem de superioridade que o colonizador sempre se esforça para impor ao colonizado, com o intuito de dominá-lo. Essa relação de poder tende a associar o destino do colonizado a uma mera representação do colonizador, isto é, o colonizado é aquilo que ele é pela “sorte” de coabitar com o colonizador, como atesta a fala de Victor:

Vinte anos atrás, nada havia além de uma savana plana. Somos nós que construímos essa cidade. Agora eles têm hospitais, escolas, trens, mas se porventura nós formos embora, eles estão condenados, não haverá mais nada, a

savana tomará conta de tudo (SEMBÈNE, 2012, p. 237, tradução livre).

Essa é uma visão egocêntrica que dá a entender que o suposto progresso do colonizado, de fato, seria simplesmente o fruto da presença colonial – concepção da qual Césaire discorda no seu livro *Discours sur le colonialisme* (1955), em que ele descreve as verdadeiras bases sobre os quais se regulam as relações entre colonizador e colonizado:

Entre o colonizador e o colonizado, só tem espaço para o trabalho, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, o estupro, as culturas obrigatórias, o desprezo [...]. Nenhum contato humano, mas relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizado num peão [...] num instrumento de produção (CÉSAIRE, 1955, p.19, tradução livre).

O PROTAGONISMO DAS MULHERES

À medida que a ideia da greve vai se espalhando nas diferentes cidades, a direção da companhia ferroviária empreende medidas coercivas contra a população, tais como bloquear os alimentos e insumos de primeira necessidade (arroz, milho, água) e proibir as famílias que participavam da greve de fazerem compras nas lojas da colônia. Essas decisões não tardaram a provocar uma cena crônica de confrontos entre a milícia colonial, aliada aos chefes religiosos, e a população. Observa-se que o enfrentamento contra a administração iniciou-se quando os lares foram afetados. A reação espontânea das mulheres, motivada pelas necessidades cotidianas de sobrevivência, terá como fator propulsor a morte do carneiro de Mabigué, um dos aliados da administração. Partindo desse incidente, o papel ativo das mulheres coloca-se como uma ação de grande envergadura nessa luta contra a injustiça.

É importante salientar que, nos romances de Sembène, a revolta e a resistência não se dissociam, isto é, quanto mais se intensificam as relações de poder para subordinar o dominado, mais se desperta o mecanismo de resistência. Na narrativa, as ações de resistência dos grevistas e dos seus familiares intensificam-se em função das medidas cruéis empreendidas contra eles.

O comportamento das personagens femininas pode ser entendido como uma negação da tragédia da vida segundo a qual o colonizado não se limita a cumprir as vontades do colonizador, mas as questiona e luta contra elas. Quando o narrador materializa essa luta, com cenas de violência protagonizadas pelas mulheres, deparamo-nos com figuras femininas que apresentam marcas de um contexto social opressor. Com a figura principal de Ramatoulaye, mulher calma em tempo ordinário, que se revolta diante de uma situação limite, o narrador apresenta, por meio da

postura inconformista das mulheres em relação a normas sociais, o quanto a força, a determinação e o poder de decisão femininos podem ser fatores capazes de estimular uma mudança social. Desse modo, Sembène quebra os tabus, lembrando que em plena década de 1940 a imagem da mulher era fortemente estereotipada pelo poder tradicional. A postura de resistência de Ramatoulaye incentiva as demais mulheres a enfrentarem, sem medo, a força policial, como demonstram as ações de Mame Sofi:

Mame Sofi, que tinha descoberto perto da cabana um policial de tamanho baixo, espancou esse [miliciano] com as suas garrafas de areia; depois, com uma fúria, ela se agarrou nele e lançou de novo a segunda garrafa em sua cara (SEMBÈNE, 2012, p. 125, tradução livre).

A tomada de posição das personagens femininas a favor da causa operária e do interesse coletivo testemunha uma eficiência simbólica de transformação, à medida em que mobiliza a consciência dos trabalhadores e transforma os primeiros momentos de desemprego desses em confiança e euforia. Essa intervenção inesperada das mulheres na luta ajudou a desencadear uma greve geral, que obrigou a administração colonial a abrir novos processos de negociação com os operários negros, atitude simbólica que sem dúvida propiciou o triunfo do movimento de reivindicação e a inserção do negro em cargos administrativos e políticos.

Enquanto as mulheres entram em confronto armado contra a administração colonial, os sindicalistas também procuram medidas para barrar tudo o que pode ameaçar o avanço do movimento da greve. Após terem votado por uma greve indeterminada, os operários lançam expedições para punir rigorosamente os operários que decidem voltar ao trabalho: “Tiémoko recrutava comandos, que não hesitavam a surrar seriamente os furadores, os ‘renegados’” (p. 131). O levante contra os operários que “furam a greve”, regressando ao trabalho, constitui, para Sembène, um ato que reforça a ideia de que a união torna-se um valor ético fundamental, obrigatório para a consolidação e para a concretização do movimento grevista.

Ainda que a obra ofereça cenas de repressão protagonizada pela comunidade negra, convém esclarecer que essas cenas têm o objetivo de operar mudanças de comportamento e de mentalidade, podendo ser entendidas como uma luta pela aquisição do seu pleito, pois, para resistir, importa atacar, agredir fisicamente ou moralmente o inimigo. A atitude dos grevistas é, com efeito, resultado das humilhações e sofrimentos aos quais estão submetidos. Além desse clima de tensão que é apresentado ao longo da trama, várias tentativas de negociação são iniciadas pela direção, embora sem obter sucesso, pois essas tentativas continuam agarrando-se às ideias estereotipadas sobre os operários, o que aguça o desejo dos grevistas de resistir à pressão

moral em busca da legitimidade de seus direitos.

O PROBLEMA DA RELIGIÃO

Todavia, enquanto os operários resistem à hegemonia da direção da companhia, outros se mostram coniventes com o processo de herança colonial. Para atingir os objetivos que levam a deflagrar a greve, os operários enfrentam o poder das autoridades locais e, particularmente, o moralismo dos chefes espirituais. A administração colonial percebe que o poder dessas autoridades locais pode fornecer um apoio ideológico para legitimar o seu poder e convencer os grevistas a voltarem ao trabalho, fato observado nas alegações do chefe religioso que instiga os operários a perceberem o progresso que os brancos trouxeram para a comunidade negra, o que significa aceitar simplesmente a natureza das coisas, já que:

Nós não somos capazes de criar, no mínimo, um objeto útil, nem mesmo uma agulha, e queremos opor-nos aos toubabs que nos trouxeram tudo? Isto é uma loucura! Vocês farão melhor agradecendo a Deus por ter nos trazido os toubabs, que facilitam nossa vida com as suas invenções e seus benefícios (SEMBÈNE, 2012, p. 318, tradução livre).

Ao analisar esse fragmento, notamos também que, além de a religião ser uma arma e um meio de dissuadir a população, é com base nos mandamentos do Alcorão que as autoridades religiosas justificam os atos e a presença do poder colonial em terra senegalesa. Isso tudo baseando-se no seguinte mandamento: “trabalhar é uma das principais recomendações e condições para orar a Deus” (FALL, 2008). Mahmood Mamdani, no seu livro *Citizen and subject*, ao referir-se à política de diferenciação dos regimes coloniais em relação aos espaços urbanos e rurais, salienta que a ação local das autoridades proporcionava um estilo de dominação que combinava “trabalho forçado, cultivo forçado, vendas forçadas, contribuições forçadas e remoções forçadas” (1996, p. 23). Para tanto, valendo-se da sua posição social, os chefes, tanto os espirituais como os políticos, contribuíram por muito tempo para exploração da massa, no sentido de que as leis e as diretivas da administração colonial são interpretadas com base em mitos religiosos usados para assujeitar a população.

Em seu ensaio *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, o filósofo Karl Marx nos leva a pensar a respeito do fenômeno religioso na vida do ser humano:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o

protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo (MARX, 2010, p. 145).

Marx enxerga a religião como um processo de alienação, à medida em que ela é forjada pelo homem. O teórico explica que o homem vive num mundo que o oprime e o explora. Uma vez dentro desse contexto, o ser humano precisa criar um mundo de ilusão e de resignação, e, por essa razão, procura a religião como “ópio” – como um calmante para sua dor, seus sofrimentos, como uma resposta para seus questionamentos. Mas essa busca pela religião pode ser também um protesto contra sua condição de miséria.

Essa representação dialética da religião como “ópio e protesto” tem, possivelmente, cabimento nessa análise, considerando que a religião islâmica foi uma das ideologias que animaram os primeiros movimentos de resistência locais contra a invasão europeia. Contudo, na representação ficcional de Sembène, a religião passa a ser concebida como um conjunto de princípios a favor da domesticação do movimento de greve, da alienação e da exploração da comunidade negra, uma vez que ela exige uma submissão cega dos trabalhadores, aniquilando qualquer pensamento crítico sobre a administração colonial. Ressalta-se no romance que a direção da companhia procura reajustar a sua política administrativa com intenção dupla – assegurar que os guias espirituais mantivessem o seu papel de controle da população, legalizando a autoridade desses últimos, que se tornam credores de mediação entre a população e a administração, sobretudo em período de agitação.

UM MUNDO EM MUDANÇA

No entanto, observa-se que esse papel intermediário e manipulador sobre a população não atinge o resultado esperado. O movimento sindicalista torna-se mais forte e decisivo. Os trabalhadores percebem toda a força que possuem ao parar o funcionamento do trem.

Quando o fumo parou de flutuar sobre a savana, eles [os grevistas] entenderam que uma época tinha passado, o tempo de que lhe falavam os mais velhos, em que a África era um pomar. [...]. Parando sua marcha sobre mais de mil quinhentos quilômetros, ficaram conscientes da sua força [...]. Na verdade, a máquina estava os tornando novos homens (SEMBÈNE, 2012, p. 63, tradução livre).

Nesse fragmento, é possível observar a tomada de consciência de uma geração, que não mais aceita de forma passiva as condições impostas pelos seus empregadores, e ainda descobre

que tudo tem de mudar. Nesse viés, podemos afirmar que o narrador tenta salientar a importância da formação de uma consciência de classe, em que os operários negros, além de reconhecerem que os seus interesses são diferentes dos interesses da administração colonial, percebem que detêm o poder da decisão e controle da situação, como explicitado no tom irônico de Lahbib replicando a ofensa do diretor:

A poligamia é talvez um assunto que nos diz respeito, mas isso não impediu que vocês se servissem de nós quando precisaram! Por exemplo, quando se trata de incorporar os nossos jovens, vocês não lhes perguntam se nasceram de pai bígamo! E esta linha foi construída pelas mãos dos filhos de concubinas... (SEMBÈNE, 2012, p. 280, tradução livre).

O argumento de Lahbib levanta uma questão crucial, a do alistamento militar dos jovens senegaleses durante a Segunda Guerra Mundial ao lado da França. Como é sabido, o alistamento fazia-se na sua maioria na colônia do Senegal. No entanto, o que fustiga o sindicalista é que a questão da poligamia não constitui um obstáculo no momento de servir aos interesses da administração, mas sim quando se trata de melhorar a condição de vida desses jovens, cuja maioria foi incorporada ao exército contra a vontade própria. Entretanto, vale esboçar que, embora condizente com as realidades europeias, a poligamia é uma prática que Sembène questiona muito nos seus romances.

A lucidez crescente do poder dos operários manifesta-se ao longo da ficção através das suas ações ponderadas e dos argumentos que eles formulam durante as assembleias sindicais, durante as reuniões de negociações com a direção da companhia e, especificamente, durante o “comício” feito na cidade de Dakar. Numa visão estética, cabe assinalar que o francês que Sembène manipula não é o francês padrão. Trata-se de um “francês senegalizado”, profundamente influenciado pelas culturas africanas em todos os níveis de análise. No discurso direto, o autor reproduz fielmente a fala de personagens que têm conhecimentos muito limitados do francês. Em outras palavras, Sembène reúne as características do escritor descrito por Casanova (2002), o revolucionário que subverte a lei literária para alcançar sua liberdade como escritor e criador de novas formas de expressão.

Nesse viés, pensando um pouco a abordagem do conceito de resistência “como forma imanente da escrita” (BOSI, 2002), podemos ressaltar que o uso de expressões populares, ou seja, a diversidade do campo lexical em *Les Bouts de Bois de Dieu* instaura-se como uma forma de engajamento, pois objetiva evidenciar, além do poder criativo do romancista, o seu posicionamento, mas serve também para evidenciar a realidade linguística daquele período e o

espaço narrado no romance. Contudo, após anos de imposição da língua francesa, cabe dizer que o uso das línguas locais permaneceu entre os nativos, particularmente no caso do uólofe, que continuou a ser a língua mais influente no Senegal e foi para alguns romancistas um importante instrumento de expressão da sua posição e de conquista da liberdade de expressão. Além de constituir uma arma contra a colonização e a coerção do povo dominado, a presença das línguas locais no universo romanesco de Sembène confere, por um lado, um caráter original às suas escritas e, por outro lado, ilustra o domínio do contexto social narrado, um contexto vivenciado por ele.

Nessa perspectiva, além do uso de vocabulário e expressões no romance, o caráter da resistência torna-se mais gradativo quando as mulheres de Thiès decidem empreender uma “longa marcha” rumo à cidade administrativa onde foi realizado o “Comício Geral”, durante o qual Bakayoko faz um levantamento dos problemas que gangrenam a comunidade negra e expõe a lista das reivindicações. O discurso pronunciado diante da administração e da delegação das autoridades religiosas e políticas locais, resumindo a situação de alienação e de exploração da comunidade negra, bastou para levar todos os setores de atividade a deflagrarem uma greve geral que obrigou a direção a abrir novo processo de negociações com os operários e a aceitar as reivindicações.

Em paralelo ao contexto histórico desse época, Coquery-Vidrovitch, em seu livro *Afrique noire. Permanences et ruptures*, faz um levantamento dos problemas que encontram a maioria das sociedades africanas na sua busca pela modernidade. A estudiosa descreve a greve dos operários de 1947-1948 no Senegal como:

[...]. Um vasto movimento de recusa da discriminação racial [...] amplamente apoiado pela população em geral [...]. O maior e mais geral. Fato sem precedentes na história social africana, ele se prolongou mais de cinco meses, a partir de 10 de outubro de 1947 a 19 de março de 1948. A reivindicação social era clara; o nível de vida tinha se deteriorado terrivelmente: ao congelamento dos salários durante a guerra, tinha-se juntado o aumento excessivo dos preços, como conseqüências da restauração dos contatos com a Europa (COQUERY VIDROVITCH, 1992, p. 336-337, tradução livre).

Com esse fragmento histórico, Coquery-Vidrovitch (1992) traz uma visão da verdadeira face do movimento da greve dos ferroviários da linha do Dakar-Níger. Ressaltando o caráter particular desse movimento, a historiógrafa enfatiza o teor da greve operária na sociedade senegalesa e as conseqüências que ela ocasionou no plano econômico bem como no social,

ganhando uma proporção universal à medida que conseguiu criar “um sistema de alianças de classe” (GRUPPI, 1978) que possibilitou uma mobilização contra o aparelho colonial.

A representação do movimento de contestação social permitiu observar uma parte da realidade política e social do continente negro, posto que a ação narrativa desenrola-se na véspera da década de 1960, período que podemos chamar de “tempo das independências”, momento em que a maioria dos povos colonizados toma consciência da sua força e decide tomar seu próprio destino em mãos, contribuindo, sem dúvida, para o rompimento da ideologia colonial e o nascimento de uma autonomia nacional. Nessa ótica, destaca-se que, além de ser uma obra realista, *Les Bouts de Bois de Dieu* é um romance de reconstrução da história, na medida em que o romancista exprime e reflete as aspirações dos povos negros, no momento em que eles assumem a responsabilidade de dirigir seu próprio destino e de se posicionar como autores da sua história. Após anos de colonização, em que se vestiu da personalidade do outro, o negro procura reparar os prejuízos repetidos durante séculos no que se refere a sua identidade e a seus direitos. Entretanto, a tomada de consciência lúcida das condições desumanizantes dos colonizados nos faz penetrar um universo em transição, em que eles decidem refazer a visão que o outro tem sobre ele, ao subverter o monopólio da representação.

Dessa forma, o romance de Sembène constituiu um elemento ficcional que tem como objetivo demonstrar um mundo em plena mudança, que se efetiva através de uma luta coletiva cujo protagonista é o povo. Trata-se, então, de construir uma África nova numa perspectiva autóctone que tem como intuito ressuscitar e valorizar a imagem do continente. Observa-se que as sequelas do enfrentamento entre oprimidos e opressores, nessa tentativa de libertação, tal como descrita no romance, revelou-se muito nefasta para a comunidade negra. Através da narração da ação do movimento da greve, o romancista teve como objetivo principal não somente transpor e interpretar as atribulações cotidianas dos povos oprimidos, mas também descrever a determinação do operário negro em romper com a violência e com a dominação avassaladoras da administração francesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da representação ficcional do movimento de revolta de 1947 em *Les Bouts de Bois de Dieu*, na qual se ostenta o realismo cruel e patético vivenciado pela classe operária negra, o romancista senegalês Ousmane Sembène nos apresenta uma síntese da experiência do sindicalismo na África. Ao delinear o movimento de revolta e a vontade obstinada de resistência

dos operários negros decorrentes das suas condições miseráveis de trabalho, o autor retrata um dos episódios mais marcante da história do movimento operário no Senegal e no Sudão Francês durante o período colonial. Como alega Coquery-Vidroch (1992), a sublevação dos ferroviários do Senegal desempenhou um papel, se não precursor, bastante relevante na formação do sindicalismo africano. Isso posto, pode-se deduzir que o romance de Sembène não é apenas uma intrincada narrativa, mas uma enciclopédia da história dos movimentos trabalhistas africanos e da luta contra a negação dos direitos do trabalhador negro, durante o período de dominação colonial.

Embora a intenção do romancista seja mostrar a vitória gloriosa da greve operária de 1947, sabe-se que isso não se concretizou na realidade, devido à falta de união entre as forças sociais e as forças das classes políticas. No entanto, não há dúvidas de que o amadurecimento do sindicalismo introduziu no continente negro as bases de uma mudança social a caminho das independências. A união sindicalista, representada por Ousmane Sembène no seu romance, revelou-se fundamental na luta pelos direitos dos operários negros e pelo fim dos preconceitos herdados pela colonização, sendo que a luta sindical não apenas se dirige contra a administração colonial, mas também clama pela mudança da mentalidade da sociedade senegalesa. Além disso, um dos enfoques constantes do autor, nesse romance, é ultrapassar as barreiras artificiais que sufocam a sociedade senegalesa para construir um futuro melhor no plano político e socioeconômico. Porém, se uma resistência armada não teve muito efeito no romance, com as ações dos operários, pois se haviam privilegiado o diálogo e as negociações por meio das reuniões e assembleias, o caráter pacífico dessa resistência foi interrompido pela intervenção inesperada das mulheres.

Conclui-se, portanto, que em *Les Bouts de Bois de Dieu* a desconstrução do discurso colonialista hegemônico se dá por meio do movimento de resistência dos operários, que adota uma atitude de maior confronto contra a administração francesa representada nessa narrativa pela direção da companhia ferroviária e luta ativamente pelos direitos da categoria e pelo interesse coletivo. Além de ser um marco decisivo de uma nova era das independências, o movimento dos operários introduziu nos territórios do continente negro as bases da reconstrução política e econômica de sociedades que por muito tempo foram devastadas pelas potências imperiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. (2002). *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CASANOVA, Pascal. (2002). *A República mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade.
- CÉSAIRE, Aimé. (1955). *Discours sur le colonialisme*. Paris: Présence Africaine.
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. (1992) *Les africaines: histoire de femmes d'Afrique noire du XIX^{ième} au XX^{ième} siècle*. Paris: Desjonquères.
- FALL, Gana. (2008.). Acesso no dia 23 nov. 2015. Les marabouts sénégalais et le pouvoir colonial de 1854 à 1945. *Revue Liens*. Dakar: Ucad. Disponível em : <<https://pt.scribd.com/doc/36993483/Les-marabouts-senegalais-et-le-pouvoir-colonial-de-1854-a-1945>>. Acesso em: 15 jul. 2018.
- FANON, Frantz. (1979). *Os condenados da terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FERHAT, Abbas. (1931). *Le jeune algérien, la jeune parque*. Paris: Garnier.
- FOUCAULT, Michel. (1979). *Microfísica do poder*. 21. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- GRUPPI, Luciano.(1978). *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal.
- HERNANDEZ, Leila Leite. (1999). Movimentos de resistência na África. *Revista de História*. São Paulo, n. 141, p. 141-150.
- MAMDANI, Mahmood. (1996). *Citizen and subject: contemporary Africa and legacy of late colonialism*. New Jersey: Princeton University Press.
- MARX, Karl. (2010). *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo.
- MEMMI, Albert. (1967). *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MOURALIS, Bernard. (2007). *L'illusion de l'altérité: études de littérature africaine*. Paris: Champion.
- SEMBÈNE, Ousmane. (2012). *Les Bouts de Bois de Dieu*. Paris: Le Livre Contemporain.

Providence Bampoky

Doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Unicamp.